

Discurso para a ocasião da Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito a Kabengele Munanga

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.217698>

Marta Rosa Amoroso

Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil
mramoroso@usp.br | <https://orcid.org/0000-0003-0902-8483>

Este é um momento muito especial para o Departamento de Antropologia, pois é uma cerimônia de homenagem que se construiu em colaboração com outras instituições e pessoas que estiveram relacionadas à rica trajetória acadêmica do Prof. Dr. Kabengele Munanga. Para mim é uma grande honra e alegria participar na condição de chefe do Departamento de Antropologia desta cerimônia de entrega do título de professor emérito.

Agradeço aos colegas que me antecederam na chefia e iniciaram este processo, especialmente Sylvia Caiuby Novaes e Heitor Frúgoli Jr. Agradeço aos professores Paulo Martins e Ana Paula Megiani por terem conduzido o processo no âmbito da Congregação da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Agradeço ao Centro de Estudos Africanos da USP, que colaborou na organização desta cerimônia. Agradeço os professores eméritos da antropologia e padrinhos: Lux Vidal e João Batista Borges Pereira e, em seus nomes, agradeço a presença aqui das docentes e dos docentes. Agradeço a participação de Vitor da Trindade e Elis Trindade, que nos abrilhantaram com seu trabalho na abertura da cerimônia, conduzindo em cortejo nosso homenageado. Dirijo-me às funcionárias e funcionários da FFLCH e agradeço a todas e todos que se somaram para que esta homenagem fosse uma linda festa.

Como chefe do Departamento, falo em nome das docentes e dos docentes, discentes, funcionárias e funcionários da Antropologia. Nesta breve participação que cabe à chefia do Departamento, e diante das contribuições de nosso homenageado ao longo de mais de quatro décadas dedicadas ao ensino, pesquisa e extensão junto ao Departamento de Antropologia da USP, gostaria de chamar a atenção para

o lugar que nosso querido colega ocupa no panteão dos grandes mestres da FFLCH.

Kabengele Munanga somou sua contribuição à de outros antropólogos e sociólogos desta universidade que há décadas consolidaram o campo de estudos sobre relações raciais no Brasil. Esteve presente nos principais debates dos direitos humanos que visaram construir no país, e efetivamente construíram, mecanismos e uma legislação de combate ao racismo e de repúdio à violência racista.

Kabengele esteve presente no debate nacional sobre cotas e políticas afirmativas que se iniciou intensivamente em 2002, depois da III Conferência Mundial da ONU, em Durban, África do Sul, que se realizou nos meses de agosto e setembro de 2001, cuja pauta era a luta contra o racismo, contra a discriminação racial, contra a xenofobia e a intolerância. Nosso querido colega esteve presente na Audiência Pública de março de 2009, convocada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), para ali defender a constitucionalidade das cotas e das políticas afirmativas.

No campo acadêmico, dois aspectos da contribuição de Kabengele Munanga ao estudo das relações raciais no Brasil o distinguem. Nos parece que Kabengele entende que a luta contra o racismo é travada fora dos muros das universidades. Àquelas que, como eu, acompanham nos últimos dez anos a agenda atribulada de debates sobre racismo, desigualdades e ações afirmativas, é seguro dizer que a presença de Kabengele Munanga se tornou indispensável no debate nacional. Tal estratégia de externalização dos conhecimentos acadêmicos vem sendo sistematicamente reconhecida e Kabengele Munanga nos últimos 20 anos angariou dezenas de prêmios e homenagens por sua atuação como antropólogo engajado, distinções que vem das principais instituições científicas, culturais e dos direitos humanos do país, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS). A elas, somam-se ainda outras instituições, como o Ministério da Cultura e o Ministério das Relações Exteriores do Governo Federal, o Instituto Vladimir Herzog, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Afrobras, a Faculdade Zumbi dos Palmares, a Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP), a Assembleia Legislativa da Bahia, entre outros. Os prêmios e as homenagens que lhes foram concedidos conferem o alcance da voz desse professor de antropologia que conduz o Brasil a refletir sobre uma das suas questões centrais: o racismo e a urgência de políticas antirracistas.

Congolês de nascimento, ainda jovem pesquisador da área de antropologia, Kabengele veio para o Brasil como bolsista de um programa da USP dos anos 1970 voltado para países africanos. Kabengele tornou-se docente do Departamento de Antropologia em 1980, um dos primeiros docentes negros da FFLCH, e se naturaliza brasileiro em 1985. Refletindo sobre a situação dos jovens negros e negras do Brasil, costuma dizer que “se tivesse nascido no Brasil como cidadão negro, talvez não esti-

vesse sentado nesse lugar”.

Chamo atenção para o segundo aspecto que distingue a trajetória intelectual e militante do antropólogo Kabengele Munanga: o entendimento que a luta contra o racismo e o preconceito se trava também dentro dos muros da Universidade, o entendimento que sem uma política de ações afirmativas e de cotas, a presença e a contribuição de homens e mulheres negras nas universidades permanecerá vilmente atrofiada. A entrega deste título de professor emérito para o antropólogo Kabengele Munanga coroa uma trajetória de luta de toda uma vida, luta que continua.

Muito obrigada Kabengele Munanga!

Marta Rosa Amoroso é professora e chefe do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, pesquisadora e ex-coordenadora científica do Centro de Estudos Ameríndios (CEstA/USP).

